

# **A PSICANÁLISE ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A SAÚDE: UMA PROPOSTA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR PARA PESSOAS AUTISTAS**

---

*Luis Achilles Rodrigues Furtado*

Doutor em Educação pela UFC, psicanalista, professor de Psicanálise no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC Campus de Sobral, professor colaborador do curso de Mestrado em Saúde da Família na mesma universidade, bolsista de produtividade da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – EPFCL – Brasil.

E-mail: luis\_achilles@yahoo.com.br

*Camilla Araújo Lopes Vieira*

Doutora em Saúde Coletiva associação Ampla UFC/UECE\Unifor, professora de Psicologia Clínica e Saúde Coletiva no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC Campus de Sobral –, tutora do Programa de Educação para o Trabalho pela Saúde – PET – Saúde em Sobral 2012/2014.

E-mail: tgd.camilla@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo constitui um relato de experiência que leva em consideração a articulação entre a psicanálise, a educação inclusiva de pessoas autistas e o campo da saúde. Partindo das questões atuais que cercam a temática do autismo e suas formas de cuidado e educação, propomos uma articulação entre o Projeto Terapêutico Singular (PTS) e o Plano de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a partir do que está sendo realizado em Sobral (CE), através do Programa de Educação para o Trabalho em Saúde (PET) Saúde. Com essa articulação, defende-se a educação inclusiva como estratégia do cuidado e da demarcação da diferença, especialmente para os autistas, como um recurso que também pode trazer benefícios clínicos, embora seja diferente desse campo. Ademais, vislumbra-se uma articulação entre a saúde e a educação inclusiva na tentativa de suprir necessidade bastante premente na realidade brasileira.

**Palavras-chave:** psicanálise; saúde coletiva; autismo; projeto terapêutico singular.

**Abstract:** This article constitutes an experience report that takes into account the connection between psychoanalysis, inclusive education for autistic people, and the health field. Starting from the current issues concerning the theme autism and its ways of care and education, we propose a connection between the project between the Unique Therapeutic Project (PTS) and the Specialized Educational Care Plan (AEE), through which it has been deployed in Sobral, Ceará, Brazil, by means of the Education Program for Work in Health (PET – Saúde). With this connection, inclusive education is advocated as a strategy for care and delimitation of difference, especially for autistic people, as a resource that can also bring clinical benefits, although it is different from this field. Moreover, a connection between health and inclusive education is glimpsed, in an attempt to meet a quite pressing need in the Brazilian reality.

**Keywords:** psychoanalysis; collective health; autism; unique therapeutic project.

O autismo, enquanto categoria psiquiátrica diferenciada da esquizofrenia infantil comemora 70 anos em 2013. Se tomarmos sua história desde as experiências de Jean Itard, não tardamos em reconhecer que as discussões ainda persistem quanto ao real em jogo na abordagem de cada indivíduo marcado com esse significante. Pelo que nos mostram os fatos mais recentes sobre a temática, a batalha parece estar mais e mais acirrada e tem mostrado claramente sua faceta política, contribuindo com mais veemência para a exclusão dessas pessoas (FURTADO, 2011), tendo em vista que discutir o tema tem tido efeito de alargar as distâncias entre o cuidado e a garantia dos direitos desses sujeitos à saúde, no conjunto de ofertas do sistema único de saúde e à educação, no que se refere ao direito de todo escolar em acessar o ensino regular.

O ano de 2012 foi especialmente marcante para aqueles que, de alguma maneira, se envolvem com a temática do autismo. Em 2 de abril do referido ano, em declaração oficial da Casa Branca, o presidente dos Estados Unidos, Barak Obama (2012), declara que o atendimento às necessidades das pessoas com Transtornos do Espectro Autista – TEA – é uma prioridade na sua administração. No mesmo período, agora no cenário europeu, o tema pareceu estar na crista da onda e ser objeto de grande disputa judicial na França, onde vigora o projeto de lei que impede a população de acessar atendimento psicanalítico como tratamento para sujeitos autistas, marcando espaço pela via

da intolerância e do autoritarismo. Assim, os autistas estariam relegados ao trabalho em instituições especializadas com orientação comportamental (QUINTIN, 2012), onde a educação especial seria o principal foco, substituindo o trabalho clínico.

Além de ter sido escolhido, naquele país, como a causa nacional de 2012, houve uma grande confusão envolvendo a produção de um documentário onde testemunhos de psicanalistas foram recortados de forma tendenciosa pela produção do material cenográfico com vistas a desacreditar a psicanálise em relação ao tratamento do autismo (ROUDINSECO, 2012). Entretanto, não se tem considerado que os principais interessados nessa discussão não têm tido sua palavra levada em consideração, como nos lembra e denuncia Jean-Claude Maleval (2012).

No mesmo sentido do que acontece na França, aqui no país tropical, especialmente no estado de São Paulo, para a surpresa de alguns – não para a nossa, já que esse movimento de privilégio de certa leitura do autismo acontece no Brasil tem algum tempo – no dia 4 de setembro de 2012, o Diário Oficial (SÃO PAULO, 2012) publica a Convocação Pública 001/2012. Tal documento trata de um “Edital de Convocação para Credenciamento de Instituições Especializadas em Atendimento a Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), para Eventual Celebração de Contrato ou Convênio”. Todavia, os critérios do Edital é que sejam apenas instituições que trabalhem com abordagem cognitivo-comportamental. Os dois profissionais de psicologia a serem selecionados trabalharão por esse convênio apenas se se comprometerem em utilizar o método determinado pelo documento.

Na cidade do Rio de Janeiro, em julho de 2012, por ocasião do VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, o autismo tomou um lugar privilegiado nas discussões de mais 800 participantes. O tema convoca os psicanalistas a trabalharem em interdisciplinaridade, a saírem do modelo clínico tradicional e testemunharem diversas experiências como oficinas terapêuticas, grupos de crianças, atendimentos aos pais e professores, além da clínica propriamente dita. Como a função da fala e o campo da linguagem constituem o campo psicanalítico (LACAN, 1998), as produções “linguageiras” dos autistas com Transtorno de Asperger têm sido objeto de intenso interesse (MARTINHO, 2011; FURTADO, 2011; REY-FLAUD, 2010 e MALEVAL, 2009).

Se durante as primeiras décadas, após sua invenção por parte de Leo Kanner, muito mistério rondou a realidade em torno do tema, desde os anos 1960 conseguimos perceber o movimento cada vez mais forte de domínio das instituições especializadas

sobre os signos de determinação da verdade e do tratamento dos autistas. Como nos aponta Maleval (2009), na década de 1970, com o advento do domínio do cognitivismo e seu pragmatismo, a abordagem do autismo começou a deslocar-se da saúde para a educação, com o advento da migração do fenômeno do campo da psicose para o chamado Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. O autismo, portanto, em detrimento das dimensões subjetivas implicadas para cada sujeito e suas famílias e da complexidade de suas questões passa a ser objeto da educação especializada promovida por instituições proponentes de tratamentos “adequados” e que, como estratégia ideológica, entronizam respostas definitivas sobre todos os aspectos que envolvem essas pessoas e suas redes de suporte e cuidados.

Acreditamos que é através de perguntas muitas vezes mal formuladas, epistemologicamente equivocadas e clinicamente irresponsáveis (pois, ao considerar, simplesmente, o autismo como um transtorno do desenvolvimento, desconsideram a dimensão subjetiva que está em jogo), que práticas engessadas e instituições autorizadas por seus discursos “inclusivos” promovem suas “verdades definitivas” com vendáveis métodos “mais eficientes” e altamente dispendiosos, não apenas financeiramente, mas especialmente. Ademais, essa campanha institucional em torno da “causa dos autistas”, toma frequentemente a psicanálise como grande vilã dessas pessoas e dos seus familiares, especialmente as mães. Basta lembrar a observação de um dos maiores neurologistas brasileiros que, numa das principais emissoras de televisão no Brasil, utiliza a expressão “a mentira psicanalítica” e que mais recentemente em série semanal em revista eletrônica da mesma emissora popular, tem servido de consultor para a montagem do quadro sobre autismo, nomeado *Autismo: universo particular*, com todos os argumentos ideológicos que ratificam a exclusão do trabalho que a psicanálise faz. Trata-se de um mecanismo perverso, ideologicamente comprometido com o capitalismo tecnocrático, que desloca a discussão para um foco errôneo, incitando ressentimentos, disputas por espaços e uma postura dos profissionais que muitas vezes evidenciam tirania e rancor, com o aval para excluir através de um discurso que se utiliza, justamente, da temática da inclusão e do respeito às diferenças (FURTADO, 2011).

Com todo esse cenário apresentado, podemos dizer que o Brasil apresenta uma característica muito particular quanto à sua Política Nacional de Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que nos permite abrir mais algumas portas de diálogo com a psicanálise, e grandes contribuições surgirem para esse campo de interface da clínica com a educação especial (FURTADO, 2011). É como se mesmo com as enxurradas

discursivas que batalham pelo afogamento da palavra e da subjetividade, um fôlego maior surgisse para novas condições e possibilidades para o trabalho de diálogo da psicanálise entremeada com a saúde e a educação.

O Atendimento Educacional Especializado, como um recurso de acessibilidade à realidade de aprendizado e convívio na escola comum, segundo Figueiredo (2010), surge como um mecanismo importante para assegurar não só o direito de todas as crianças à escola, mas uma proposta que implica na mudança de valores e na tentativa de garantir o respeito à diferença, sem exclusão.

Especialmente no que tange à educação inclusiva com pessoas autistas, uma realidade tem se imposto no Brasil. A necessidade de articulação entre o campo da educação e da saúde. Se epistemologicamente já percebíamos essa aproximação (FURTADO, 2011; LIMA e ALENCAR LIMA, 2011), a realidade da educação inclusiva, através do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tem presentificado essa demanda. Basta tomarmos como exemplo a dificuldade diagnóstica e diferencial entre autismo e psicose infantil, as diversas orientações psiquiátricas nesse campo e a exigência de um diagnóstico formal para que um aluno possa estar matriculado neste dispositivo, implicando assim o pagamento do duplo Fundeb (Fundo da Educação Básica) para a escola. Essa necessidade prática de articulação, entretanto, não é nova e já foi abordada por Belisário Filho (1999), de modo que implicasse a dimensão da inclusão na articulação das áreas.

A partir da experiência que estamos realizando no município de Sobral (CE), considerando a articulação com o movimento de educação inclusiva, que vem trazendo “novas luzes” para esse campo (FIGUEIREDO, BONETI e POULIN, 2010), e pautados na convicção de que as pessoas autistas devem ter resguardado seu direito de frequentar a escola comum, começamos a propor um mecanismo para que a psicanálise pudesse contribuir nesse cenário.

Iniciada como atividade de extensão do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, realizada na Apae de Sobral, através da liga de Psicanálise e Psicopatologia, o trabalho se fortaleceu e se consolidou dialogando e interrogando os campos da educação e da saúde. Permitindo as lacunas, ao invés de negá-las ou negligenciá-las, os espaços vazios fizeram marca evidenciados como positividade para a elaboração e consolidação do que nos importava: a evidência da complexidade do autismo e as condições de possibilidade para interfaces. Nosso trabalho tem visado a uma abordagem que envolva vários aspectos da vida dos sujeitos diagnosticados com

autismo, pois assim como preconiza a cartilha recém-lançada sobre a *Linha de cuidado* para a atenção às pessoas com transtornos do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde, visamos agir diretamente na qualidade da atenção e dos serviços de saúde disponibilizados aos sujeitos com autismo, contribuindo com a difusão de experiências que ponham em discussão todas problemáticas que envolvem o tema e o cuidado em saúde.

Dada a importância e a inovação de nossa proposta, o projeto tem crescido muito rapidamente e está sendo financiado pelo Ministério da Saúde, através do Programa de Educação para o Trabalho em Saúde – PET – Saúde, em parceria com a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap –, com a qual mantemos o vínculo com o programa de Bolsas de Produtividade e Interiorização de Doutores.<sup>1</sup>

Se, do lado do Ministério da Educação encontramos as propostas já citadas para a promoção da inclusão escolar e as demandas específicas em relação à saúde, do lado do Ministério da Saúde também encontramos alguns dispositivos específicos que passaram a ser adotados no Programa de Saúde da Família e que também são provenientes do campo da saúde mental. Trata-se do Projeto Terapêutico Singular – PTS –, instrumento que visa promover a articulação do trabalho em conjunto da equipe de saúde em sua interdisciplinaridade, considerando a realidade social, cultural, biológica e subjetiva de cada indivíduo usuário do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2007). O PTS se organiza como um grupo de proposta de atenção terapêutica aos sujeitos, resultado sempre de um trabalho em equipe que leva em conta uma visão complexa das relações e normalmente lança mão de tal recurso em saúde mental para os casos e/ou as situações consideradas complexas. No nosso caso, pretendemos que seja um instrumento usual para trabalho, visando considerar que todos os casos são em si únicos, peculiares e que requerem a atenção e o trabalho conjunto.

Segundo essa proposta, a equipe de referência – que tomamos desde o agente de saúde passando pelos profissionais das diversas e especializadas áreas – e o paciente e seus familiares se tornam corresponsáveis por todo o percurso do caso no sistema de saúde. Tem-se, com isso, uma tentativa de articulação entre os diversos níveis de

---

1 Pesquisa desenvolvida por Luis Achilles Rodrigues Furtado, intitulada “*Sujeito e indivíduo: uma análise dos materiais audiovisuais e autobiográficos de pessoas autistas e suas contribuições para o campo de interface entre a educação inclusiva e a clínica psicanalítica*”.

atenção em saúde. Foi nessa proposta e essencialmente em suas brechas que encontramos um caminho interessante a ser trilhado. O nome Projeto Terapêutico Singular “destaca que o projeto pode ser feito para grupos ou famílias e não só para indivíduos, além de frisar que o projeto busca a singularidade (a diferença) como elemento central de articulação” (ibid., p.40)

Cientes da necessidade do trabalho interdisciplinar quando falamos do atendimento de pessoas autistas e reconhecendo a importância da ética da psicanálise na consideração do sujeito, ressaltamos o valor dessa intervenção nos campos da saúde e da educação. Diante da reiterada intolerância política (pela via da técnica) à psicanálise, é bom lembrar que a já referida Cartilha que versa sobre as linhas de cuidado para o autismo destaca que “a grande complexidade das questões envolvidas nas diversas formas de autismo exige que a ética do campo público seja ao mesmo tempo rigorosa e flexível para dar acolhida a diferentes concepções sobre esse quadro”.

Temos realizado trabalho de construção de casos pelo PTS circulando pela rede de saúde e pelo sistema educacional regular, seguindo as pegadas mapeadas pelos serviços de atenção aos usuários, com equipes de 12 alunos universitários, bolsistas dos cursos de odontologia, medicina e psicologia, e com seis preceptores da rede de saúde mental de Sobral (CE). Esse estudo possibilita a montagem dos casos em todas as suas dimensões. Desdobramentos dessa ação caminham para o diálogo com a gestão e para que possamos mais adiante formalizar propostas mais consistentes para atender as demandas da realidade brasileira.

Alicerçado na psicanálise, nosso trabalho visa considerar cada caso na sua singularidade, tal como é proposto na tecnologia de saúde do Projeto Terapêutico Singular – PTS – e no dispositivo de acessibilidade educacional do Atendimento Educacional Especializado – AEE. Percebemos a consideração de cada caso como a brecha possível de contribuição da psicanálise para os casos abordados, deslocando o saber engessado para as interrogações e vazios que geram outras possibilidades de atuação. Com isso, nosso objetivo principal, no que tange ao trabalho com autistas a partir desses dispositivos, é incluir o Plano de Atendimento Educacional Especializado como elemento presente no Projeto Terapêutico Singular, com a intenção de tornar essa linha institucional do entre campos evidente, mas porosa, possibilitando que um tratamento à palavra venha como prioridade dos campos, que normalmente se rendem às burocracias da política.

Para a efetivação dessa tarefa, a discussão semanal em conjunto com toda a equipe do PET acontece visando à execução do planejamento traçado e seus possíveis ajustes. Também realizamos encontros para discussão com a equipe de saúde da rede, os residentes da Residência em Saúde Mental de Sobral e com os profissionais da educação. Entendemos que essa postura se faz indispensável para nosso trabalho. Outrossim, as distinções epistemológicas entre os campos de atuação devem estar claras, evitando mal-entendidos e colocando de lado o discurso ideológico de destituição da clínica como atividade supostamente burguesa. Afirmamos isso porque percebemos os efeitos reacionários que essa ideologia promove no trabalho em saúde.

Algum leitor pode se perguntar: mas como a psicanálise pode entrar em uma proposta como essa, se sua ética se coloca como o avesso dos discursos que tentam promover a saúde, a educação, ou a adaptação em relação a alguns ideais?

Sendo privilegiadamente uma clínica, apesar de subverter os mecanismos próprios a esse campo (DUNKER, 2011), a psicanálise com sua teoria e sua práxis permite a consideração da relação do sujeito com as dimensões da alteridade, da linguagem e do gozo. Desse modo, pode servir aos profissionais de diversas áreas quanto às dificuldades que enfrentam, seja na realidade dos serviços de saúde, seja na educação especial. Principalmente, quando lidamos com autistas, com suas dificuldades diagnósticas, suas resistências às tentativas de cura ou adaptação aos ideais educacionais, por reconhecer a dimensão real apresentada no limite do simbólico, é que vislumbramos com essa teoria, novas perspectivas de trabalho para os psicanalistas brasileiros.

Como nos indica Maleval (2009) e até mesmo autistas conhecidos como Temple Grandin (GRANDIN e SCARIANO, 1999), a consideração da importância da relação com o Outro no autismo, a relação com os objetos autísticos, a importância do duplo e das rotinas como formas de anulação da presença do Outro (SOLER, 2007), constituem instrumentos a serem levados em consideração no trabalho em diversos níveis.

Através da discussão com a equipe de saúde e com os educadores, realizamos um levantamento de todos os prontuários do “paciente”, realizamos entrevistas com os familiares e com a escola como uma forma de territorialização e diagnóstico da situação atual do indivíduo em questão. Realizamos, através do trabalho dos bolsistas, a compilação dessas informações e apresentação do caso a toda a equipe envolvida no projeto, ou seja, psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, professores do AEE e coordenação da escola.

Com esse encontro da equipe e a realização da apresentação do caso por parte dos bolsistas, discutimos desde o diagnóstico até a dimensão odontológica (visto que temos estudantes de odontologia no projeto) e educacional. O atendimento psicanalítico do sujeito e sua família pode ser realizado no Caps – Centro de Apoio Psicossocial de Sobral – ou no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Ceará – SPA. Ademais, a assessoria aos professores da Apae e à equipe da escola regular que o aluno deve estar matriculado é realizada também como atividade que passou a ser integrada ao PTS do sujeito em questão.

Tal indicação da inclusão do Atendimento Educacional Especializado no Projeto Terapêutico Singular se fundamenta nas diversas experiências institucionais no Brasil e no mundo, onde o tratamento do Outro é levado em consideração (HALLEUX, 2010; KUPFER e PINTO, 2010; MALEVAL, 2009). Não é difícil de reconhecer os efeitos terapêuticos do convívio de uma criança autista com outras crianças. Como indica Furtado (2011), talvez seja o descomprometimento das crianças com o desejo de curar, de educar e de ser politicamente correto que possa promover esses efeitos. Parece-nos que as crianças fazem, naturalmente, o que os psicanalistas estão advertidos: abandonar os ideais adaptacionistas na sua relação com o Outro.

É no trabalho com os professores que a ética da psicanálise se faz presente e permite a inclusão da forclusão (QUINET, 2006) na realidade escolar. O abandono da norma fálica e sua conseqüente normalização e normatização de métodos preestabelecidos e que colocam os sujeitos sob uma mesma e tirânica batuta, surge como uma novidade revolucionária no cotidiano escolar. O reconhecimento de que o saber tem limites e que o ato educacional deve ser reinventado a cada dia é uma contribuição que estamos tentando inaugurar no trabalho com autistas. Acolher o sofrimento dos professores e dos profissionais da equipe de saúde (inclusive os agentes de saúde em seus treinamentos) também não está fora de questão e se mostra mais uma via de trabalho, sendo considerado como uma forma de tratamento do Outro, na medida em que inclui a dimensão da falta como algo indispensável no tratamento e na educação de autistas.

Naturalmente, este é um trabalho apenas inicial e que também tem vislumbrado pontos de tensão e limites de sua atuação. Ao lembrarmos que essa ideia possui apenas seis meses de existência, pensamos, com esperança, que, a psicanálise está se fazendo presente e necessária tanto no campo da saúde como na educação especial. Mas dessa vez escapando das discussões dicotômicas e maniqueístas que permeiam a realidade

do autismo. A experiência que ainda estamos elaborando em Sobral, cidade do interior do Ceará, pioneira na proposição da Estratégia de Saúde da Família, mostra-nos que, longe de criarmos fronteiras intransponíveis entre os profissionais de diversas orientações, promovemos o reconhecimento das diferenças, o ponto que encontramos para criação de novas iniciativas.

## Referências

- BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. *Inclusão: uma revolução na saúde*. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, 2008. (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008).
- DUNKER, Christian Lenz. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Anna Blume, 2011.
- FIGUEIREDO, Rita Vieira de. A escola de atenção às diferenças. In: FIGUEIREDO, Rita Vieira de; BONETI, Lindomar Wessler e POULIN, Jean-Robert. *Novas Luzes sobre a Inclusão Escolar*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- FIGUEIREDO, Rita Vieira de; BONETI, Lindomar Wessler e POULIN, Jean-Robert. *Novas Luzes sobre a Inclusão Escolar*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- FURTADO, Luis Achilles R. *Sua Majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- GRANDIN, Temple e SCARIANO, Margaret M. *Uma menina estranha: autobiografia de uma autista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HALLEUX, Bruno (org.). *“Quelque chose à dire à l’enfant autiste”: Pratique à plusieurs à l’Antenne 110*. Paris: Éditions Michèle, 2010.
- KUPFER, Maria Cristina M. e PINTO, Fernanda S. C. Noya. *Lugar de Vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo: Escuta, 2010.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- LIMA, Maria Celina Peixoto e ALENCAR LIMA, Maira Sampaio. Da medicina à psicanálise: considerações acerca das articulações da educação especial com a clínica. In: COMTE, Sandra Francesca e KUPFER, Maria Cristina Machado. *A psicanálise e a criança-sujeito n avesso do especialista*. São Paulo: WAK, 2011.
- MALEVAL, Jean-Claude. *L'autiste e sa voix*. Paris: Éditions du Seuil, 2009.
- \_\_\_\_\_. Ecoutez les autistes! *La Règle du Jeu*. Disponível em: <<http://laregledujeu.org/2012/02/15/8916/ecoutez-les-autistes/>>. Acesso em: 18 de jul. 2012.
- MARTINHO, Maria Helena. Que saída para o autismo? *Marraio: O Autismo revisitado*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19/20, 2011, p. 34-49.
- OBAMA, BARAK. *Presidential Proclamation – World Autism Awareness Day, 2012*. Washington, Office of the Press Secretary, 2012. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2012/04/02/presidential-proclamation-world-autism-awareness-day-2012>>. Acesso em: 12 de nov. 2012.
- QUINET, Antonio. *Psicose e Laço Social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- QUINTIN, Manon. Autisme : “Les psychanalystes vont entrer en résistance”. *L'EXPRESS*, 18 de março de 2012. Disponível em <<http://www.liberation.fr/societe/01012386622-autisme-la-psychanalyse-en-proces>>. Acesso em: 18 de jul. 2012.
- REY-FLAUD, Henri. *Les enfants de l'indécible peur*. France: Aubier, 2010.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Autisme : la psychanalyse en procès. *Libération*. 20 de jan 2012. Disponível em: <<http://www.liberation.fr/societe/01012386622-autisme-la-psychanalyse-en-proces>>. Acesso em: 18 de jul. 2012.
- SÃO PAULO. Convocação Pública 001/2012. *Diário Oficial*. São Paulo, 4 de setembro de 2012, p. 77.
- SOLER, Colette. *O inconsciente a céu aberto na psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

*Recebido em 20/8/2013; Aprovado em 21/9/2013.*